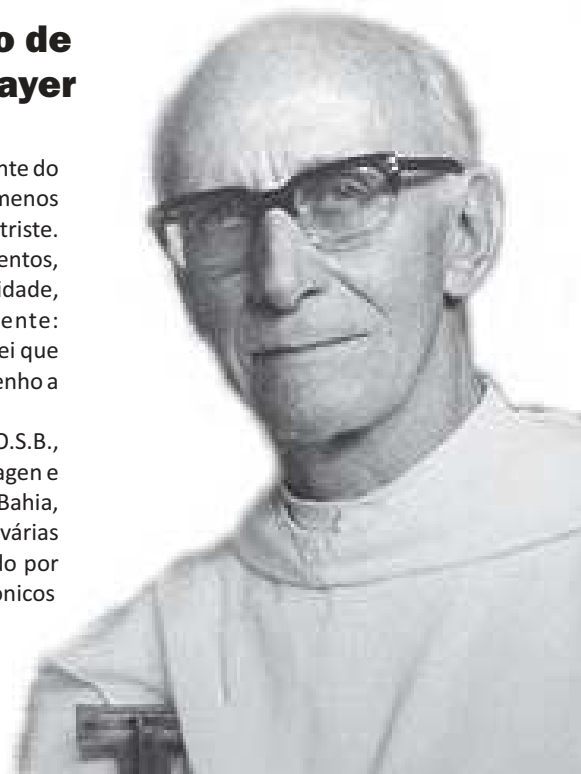


## Uma retratação histórica: O brasão de Campina Grande e Paulo Lachenmayer



Lachenmayer como Victor H.C. Lopes são de altíssima qualidade artística, com excelentes técnicas de pintura e respeitando bastante as regras heráldicas para brasões de universidades e instituições religiosas em sua maioria.

Por outro lado, nos desenhos existe um estilo próprio e bem desenvolvido, mas que respeita pouco as formas e dimensões mais tradicionais dos escudos heráldicos portugueses, é verdade. Nota-se nos escudos da arquidiocese de Salvador, Paraíba e Florianópolis, das universidades Federal de Feira de Santana e Federal da Bahia que o formato ibérico descrito pelo artista tem padrão diferente do usado por Portugal, Espanha e Brasil Imperial, notavelmente, melhorando a disposição dos elementos no seu interior e deixando todas as composições esteticamente melhores. Como já dito, se trata de estilo. Estilo único, próprio e inconfundível, afinal, tem um dos pés nas antigas tradições medievais e no seu simbolismo poderoso, e o outro pé, o direito, na modernidade da arte e na efervescência cultural do Brasil. Concluo que fomos agraciados como uma miscelânea heráldica, artística e histórica do nosso país. Mais uma vez, Campina Grande tem uma história peculiar para contar, e não poderia ser diferente, afinal, nas palavras escritas pelo Ir. Paulo Lachenmayer: única entre muitas.

Eduardo F. Henriques De Castro é engenheiro mecânico da indústria automotiva, heraldista, ex-librista, ilustrador e historiador ocasional. Membro da International Heraldry Society e consta no volume 24 da Contemporary International Ex-Libris Artists. Tem como principal área de atuação brasões de armas do Brasil e Portugal.



nenhum na educacional, independentemente do partido no poder executivo. Sendo assim, menos ainda conhecem sobre seu autor. Fato triste. Triste ainda mais pois consta em documentos, reportagens, pasmes, livros de história da cidade, o nome do autor grafado erroneamente: Leishmayer. Problema iniciado na própria lei que define nossos símbolos. Uma lástima que tenho a ousadia de tentar reparar neste texto.

O autor, Ir. Paulo Lachenmayer O.S.B., era um monge alemão, natural de Langernagen e nascido Ernst Lachenmayer, radicou-se na Bahia, a partir de onde inundou o Brasil com várias obras, desde altares e esculturas, passando por brasões e ex-libris até projetos arquitetônicos inteiros de praças e edifícios.

É preciso dizer, antes de qualquer coisa, que a arte heráldica de elaborar e descrever brasões consiste em ciência e arte profundamente cheia de regras que seus artistas e especialistas devem seguir rigorosamente. Segundo a tradição lusitana seguida no Brasil, no caso de brasões de cidades a diferenciação entre estas se dá pelo desenho da “coroa mural”. Esta pode ser de prata para cidades comuns, de ouro para capitais, de cinco torres para cidades, de quatro para vilas e freguesias, de três para aldeias. As portas sempre devem estar fechadas (diz-se cerradas) independente de interpretação artística. Até aqui, o leitor já pôde perceber que, curiosamente, o brasão da Rainha da Borborema tem detalhes diferentes do que reza a tradição das regras heráldicas luso-brasileiras. Afinal, Lachenmayer era alemão, versado nas artes heráldicas e sacras germânicas na guilda de Theodor Schnell em Ravensburgo, cuja tradição e regramento são diferentes do que foi praticado no Brasil até então. Tendo o monge utilizado a tradição na qual foi educado, nosso brasão adquiriu aspecto germânico, se distanciou da cultura lusitana por acaso do destino.

Este fato acima mencionado, quero sublinhar, não deve ser retificado. Reitero, o brasão não deve tentar ser corrigido como muitos propõem, eu inclusive o fiz no passado e aqui me retrato das minhas opiniões de dez anos atrás e dos meus vinte e poucos anos. Explico.

O Ir. Paulo teve um aprendiz, o Prof. Victor Hugo Carneiro Lopes, cujo estilo era exatamente o mesmo do monge e que juntos desenharam praticamente todos os brasões confeccionados no final do século XX no Brasil. Fizeram nova tradição e escola, com louvor, apenas para constar. Com pouco esforço, se percebe que os brasões confeccionados pelo Ir.

Eduardo Henriques de Castro

Quase todas as cidades que conheço possuem um brasão de armas, desde as mais antigas como a cidade do Porto que possui, inclusive, um epíteto de nobreza: “A Antiga, Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto” até as mais modernas, progressistas e orgulhosamente projetadas como Brasília. Neste último caso, sua catedral foi exteriormente desenhada por Niemeyer, porém o interior da mesma igreja foi projetado por um monge beneditino, educado nas guildas medievais da Alemanha e que, por grato acaso, também é o autor do brasão e estandarte da Rainha da Borborema.

No caso de Campina Grande, o brasão de armas é descrito na lei municipal nº 54 de 26 de agosto de 1974, redigida na administração do então prefeito Evaldo Cavalcanti da Cruz, sendo a arte descrita elaborada pelo famoso heraldista, arquiteto, desenhista e artista de muitas outras técnicas o Irmão Paulo Lachenmayer O.S.B. e cuja descrição heráldica lavrou:

“Escudo de verde, uma asna de ouro acompanhada de três espadas do mesmo, com as pontas voltadas para cima; Insígnia: coroa mural de prata, com quatro torres do mesmo, que é de cidade sede de município. Lema: “*Solum inter plurima*” - Única entre muitas - letras de ouro em listel de verde.”



É uma pena que para muitos a leitura acima seja o primeiro contato com o brasão municipal. Visto que, os cidadãos de Campina Grande conhecem pouco ou nada sobre seus símbolos, em especial os que estão sendo educados pelo currículo atual do MEC voltado para o Enem, uma vez que a municipalidade parece ocupar espaço ínfimo na pauta federal e



Paulo Lachenmayer durante o projeto do interior da Catedral de Brasília